

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

MARIA ANTONIA SILVA LEITE

A leitura de clássicos da literatura infantil brasileira como recurso para o desenvolvimento linguístico no contexto do Português como Língua de Herança

Rio de Janeiro – RJ

2025

MARIA ANTONIA SILVA LEITE

A leitura de clássicos da literatura infantil brasileira como recurso para o desenvolvimento linguístico no contexto do Português como Língua de Herança

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Italiano.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Danúcia Torres dos Santos

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui.

Agradeço aos meus pais, Antonia Heloisa e José Roberto, por todo apoio e incentivo não só durante o período de graduação, mas também durante todo o período da minha vida escolar. Sou muito grata de ter tido esse privilégio que é estudar, isso não seria possível sem o apoio de vocês!

Ao meu marido, Murat Can, que desde o início da graduação me deu forças para continuar quando eu mais quis desistir. Obrigada, amor, por ter segurado a minha mão até aqui!

Ao meu irmão, José Rafael, por todo apoio e pelas caronas.

À minha irmã, Priscila Cruz, por ter me apresentado ao mundo acadêmico. Você é a minha inspiração! Tenho muito orgulho de você, mestre!

Ao meu cunhado, Alexsandro Cruz, que é uma grande inspiração para mim!

À minha prima, Keylla de Fátima, por todo apoio, incentivo e puxões de orelha! A toda a minha família!

Ao meu amigo, José Carlos, por todo apoio e palavras de incentivo!

À minha amiga Jennifer Carvalho por todo apoio e por ter trazido leveza para a minha vida acadêmica.

Às minhas amigas Luíza e Bárbara e ao meu amigo Paulo Matan, amo vocês!

A todas as amizades que fiz durante esse período de faculdade (Thaís, Nathália, Stella, Daniela, Ana Raquel, Isa, Amanda, Rebeca V., Rebeca P., Beatriz S., Gabi, Laura, Yuri, Carol, Márcia, Marcelle, Marcelly, Rayssa, Juliana, Nathália A., Vitória B.)

À minha professora/orientadora Danúsia Torres, agradeço por todo carinho e atenção durante todo processo!

RESUMO

Esta monografia objetivou analisar as potencialidades de três livros da literatura infantil brasileira: *O Menino Maluquinho* (Pinto, 1980), *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 1979) e *Marcelo, marmelo, martelo* (Rocha, 1976) para a manutenção do português como língua de herança, buscando compreender o modo como essas obras podem contribuir para o desenvolvimento linguístico de falantes de herança. A pesquisa partiu dos conceitos de língua de herança, língua materna, língua estrangeira e língua adicional debatidos por Boruchowski (2016), Wätzold (2023), Benedini (2015), Spinassé (2006), Dutra (2021), Ramos (2021), Bastos e Melo-Pfeifer (2017); refletindo sobre o contexto do português como língua de herança sob a perspectiva de Yonaha (2022), Souza (2018), Jochmann (2019); e sobre o papel da família e da literatura com base em Ferreira (2019). Seguindo os pressupostos da abordagem qualitativo-interpretativista, os resultados obtidos por meio da análise do *corpus* sugerem que as obras selecionadas apresentam alto potencial para promover o desenvolvimento linguístico no contexto do português como língua de herança.

Palavras-chave: Literatura infantil; Português como Língua de Herança; PLH; Clássicos da literatura infantil; Famílias interculturais.

ABSTRACT

This final paper analyzes three classic books from Brazilian children's literature: *The Nutty Boy* (Pinto, 1980), *Little Yellow Riding Hood* (Buarque, 1979) and *Marcelo, martello, marshmallow* (Rocha, 1976). This research is focused on how these books can contribute culturally and linguistically for the development of Portuguese as a heritage language. The concepts of heritage language, mother tongue, foreign language, and additional language proposed by Boruchowski (2016), Wätzold (2023), Benedini (2015), Spinassé (2006), Dutra (2021), Ramos (2021), and Bastos and Melo-Pfeifer (2017) are considered; as well as the context of Portuguese as a heritage language from the perspective of Yonaha (2022), Souza (2018), and Jochmann (2019); and the role of family and literature as discussed by Ferreira (2019). Following the assumptions of the qualitative-interpretative approach, the results obtained through the analysis of the corpus suggest that the selected works show high potential to promote linguistic development in the context of Portuguese as a heritage language.

Keywords: Children's literature; Portuguese as a Heritage Language; PLH; Classics of children's literature; Intercultural families.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comunidades Brasileiras no Exterior.....	15
Figura 2 - Localização das iniciativas de PLH no Japão por província.....	16
Figura 3 - O Menino Maluquinho, página 8.....	23
Figura 4 - O Menino Maluquinho, página 18.....	24
Figura 5 - O Menino Maluquinho, página 19.....	25
Figura 6 - O Menino Maluquinho, página 25.....	26

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

FLH	Falante de Língua de Herança
L1	Primeira Língua
L2/SL	Segunda Língua
LA	Língua Adicional
LE	Língua Estrangeira
LH	Língua de Herança
LM	Língua Materna
MRE	Ministério das Relações Exteriores
PLH	Português como Língua de Herança

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 O conceito de Língua de herança	9
2.2 O Português como Língua de Herança	13
2.3 O papel da família e da literatura na preservação de uma língua de herança.....	18
3 METODOLOGIA	20
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	21
4.1 Análise do livro <i>O Menino Maluquinho</i>	21
4.2 Análise do livro <i>Chapeuzinho Amarelo</i>	26
4.3 Análise do livro <i>Marcelo, marmelo, martelo</i>	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Devido ao grande fluxo de emigração de brasileiros para o exterior, em busca de melhores condições de vida, o surgimento de famílias interculturais, formadas por brasileiros ou brasileiras e pessoas de outros países, foi se tornando cada vez mais comum. Com base em um documento elaborado pelo Ministério das Relações Exteriores - MRE (Ano-base 2023), nomeado “Comunidades Brasileiras no Exterior”, estima-se que cerca de 4,9 milhões de brasileiros residem na diáspora brasileira.

Em consequência dos movimentos diaspóricos e das novas composições familiares que emergiram a partir disso, surge o conceito de *língua de herança* (LH), que passou a ser reconhecido graças aos estudos de Cummins (1983), um dos pioneiros na área. A importância desses estudos se deve ao fato de essas famílias terem o desejo de passar para seus descendentes a sua língua e cultura de origem. Nesse contexto, livros e outros materiais didáticos podem contribuir fortemente para o desenvolvimento e a manutenção da língua de herança no ambiente familiar intercultural. Esses recursos vão possibilitar que crianças e jovens tenham contato constante com a língua de herança, uma vez que na sociedade para onde se mudaram existem outras línguas, uma delas majoritária e que, com o passar do tempo, tende a ser a língua dominante para esses falantes de uma LH.

Este estudo tem como objetivo analisar três livros clássicos infantis da literatura brasileira: *O Menino Maluquinho* (Pinto, 1980), *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 1979) e *Marcelo, Marmelo, Martelo* (Rocha, 1976) com o propósito de verificar de que forma esses clássicos podem contribuir como recurso para a manutenção da língua portuguesa em famílias brasileiras (ou interculturais) residentes no exterior. Dessa forma, propõe-se (i) identificar elementos linguísticos e narrativos presentes nos livros analisados que possam favorecer a manutenção do português em contextos familiares interculturais e (ii) investigar como o conteúdo temático e cultural dos clássicos infantis pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e afetiva das crianças brasileiras residentes fora do país.

A presente monografia está dividida em quatro partes. No segundo capítulo, para o embasamento teórico, serão apresentados os conceitos de língua de herança e suas diferenças em relação à língua materna e à língua estrangeira e também o conceito de língua adicional; a segunda seção do capítulo contextualiza o português

como língua de herança e a terceira e última seção do referencial teórico trata do papel da família e da literatura na preservação de uma língua de herança. Na sequência, será apresentada a metodologia sob a qual esta pesquisa foi desenvolvida. O capítulo seguinte dedica-se à análise de dados. Por fim, o último capítulo será dedicado às considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão discutidos três pilares fundamentais para a compreensão do tema principal. Primeiramente, aborda-se o conceito de língua de herança e as diferenças entre língua materna, língua estrangeira, língua de herança e língua adicional. Em seguida, será apresentado o português na posição língua de herança em diferentes contextos. Por fim, discute-se o papel da família e da literatura na preservação de uma língua de herança.

2.1 O conceito de Língua de Herança

A Língua de Herança é definida como aquela transmitida através do âmbito familiar, presente em comunidades que habitam fora do seu país de origem e caracterizada por não ocupar a posição de língua dominante ou majoritária de uma determinada sociedade. Segundo Boruchowski (2016, p. 9), “Uma língua de herança é aquela utilizada com restrições (limitada a um grupo social ou ao ambiente familiar) e que convive com outra(s) língua(s) que circula(m) em outros setores, instituições e mídias da sociedade em que se vive.” Em outras palavras, uma língua de herança se contrapõe à língua dominante de uma determinada sociedade, sendo falada por famílias que se deslocaram de seu país de origem como forma de manter o vínculo cultural com esse território por meio do idioma.

O conceito de língua de herança (*heritage language*) ganhou visibilidade em contextos de imigração, principalmente no Canadá. Cummins (1983) emprega o termo com o propósito de reconhecer outras línguas faladas por imigrantes, que não fosse o francês ou o inglês. Segundo o autor, trata-se de um patrimônio linguístico herdado ao longo das gerações, atribuindo identidade cultural à comunidade de falantes, razão pela qual o mesmo utiliza o termo herança.

Esse conceito vem sendo desenvolvido ao longo dos anos por diferentes autores, portanto, ainda existe uma certa complexidade acerca dessa temática.

Retomando a evolução cronológica, há menos de três décadas, no contexto dos estudos de LH, falava-se em “semi-falantes” (semispeakers) (Dorian, 1981), pseudo-bilingues (pseudo-bilinguals) (Baker & Jones, 1998), “falantes com uma aquisição incompleta da L1” (incomplete acquirers) (Montrul, 2002), ou mesmo “falantes de uma língua de cozinha” (speakers of kitchen language) (Polinsky & Kagan, 2007), termos com uma conotação depreciativa e deficitária. Foi Cummins (2005) que propôs o termo *heritage speaker* para designar os falantes de segunda e da terceira geração de imigrantes residentes no Canadá. Já nos primórdios, questionava-se o seu caráter derogatório e apontava-se para o fato de, em relação à língua majoritária, o termo conotar mais o passado do que o futuro e estar mais ligado a tradições do que à contemporaneidade (García, 2005, apud. Wätzold, 2023, p.41).

Essas definições mostram que o fenômeno descrito não é apenas linguístico, mas também sociocultural e identitário. Preservar uma língua de herança é o que mantém viva a conexão entre indivíduos expatriados e o seu país de origem e, conseqüentemente, esses passarão uma cultura/identidade para as suas gerações futuras.

A LH possui uma grande importância quando falamos de identidade cultural porque ela, juntamente com outros fatores, pode transmitir para os seus falantes a cultura, os costumes e hábitos de um determinado lugar ou de um grupo social em particular. Benedini (2015) ressalta que os progenitores, muitas vezes, escolhem manter a língua de herança em contexto de diáspora por razões acadêmicas e também econômicas, mas a principal razão para tal postura é a formação e preservação da identidade cultural familiar. Boruchowski (2016) defende que uma pessoa pode pertencer a diferentes grupos e a partir disso:

[...] para que as crianças e jovens criem uma relação de pertencimento afetiva e cultural com sua língua de herança, necessitam participar e experimentar situações em que não apenas usem a língua, mas vivenciem sua cultura. (Boruchowski, 2016, p. 23).

Destaca-se também a importância da família no desenvolvimento e manutenção de uma LH relacionados ao pertencimento a uma determinada cultura, uma vez que no país para onde se deslocaram, dificilmente terão acesso a elementos da cultura de ascendência.

[...] os pais desempenham um papel crucial na manutenção da LH, assim como devem estar atentos e promover elementos básicos como o sentimento de pertença à sua própria identidade étnica e cultura, sua responsabilidade para com a família e a comunidade, porque as crianças não podem aprender tais elementos na escola. (Benedini, 2015, p. 62).

Adquirir uma língua de herança traz diversos benefícios para o falante, porém o principal deles é manter o vínculo afetivo entre os familiares e sentir-se parte daquela cultura, tendo isso em vista Guardado (2008. apud. Benedini 2015, p.62), salienta que:

[...] os benefícios de maior impacto para as famílias latino-americanas em Vancouver, Canadá, estão relacionados à possibilidade de comunicação entre os familiares de diferentes gerações, ao fortalecimento dos laços familiares e ao acesso facilitado à história da família. (Guardado, 2008. apud Benedini, 2015, p. 62).

No sentido contrário, Motta (1999. apud. Benedini, 2015, p. 62), evidencia que muitas famílias brasileiras que vivem nos Estados Unidos optam por não se comunicarem na língua de herança, nesse caso o português, e utilizam apenas a língua oficial presente na sociedade. Com isso, cria-se uma barreira linguística no meio familiar acarretando na preferência pelo inglês e invertendo os papéis hierárquicos, por isso, a cultura, os costumes e os hábitos herdados não são passados apropriadamente de geração para geração, ou seja, ocorre o apagamento cultural e, conseqüentemente, o enfraquecimento e até mesmo o desaparecimento da língua de herança naquele contexto familiar.

Para uma melhor compreensão do conceito de língua de herança, é importante refletir sobre outros conceitos de língua, são eles: língua materna, língua estrangeira e língua adicional, considerando seus contrastes em relação à língua de herança.

Entende-se como língua materna ou L1 a primeira língua adquirida ainda na infância que, geralmente, é também aquela presente na sociedade do entorno, ou seja, aquela falada oficialmente em determinado território. Segundo Spinassé (2006), é possível que a língua materna seja adquirida juntamente com a língua de herança, isto é, a língua presente no contexto familiar. Caso isso aconteça, cria-se um contexto de bilinguismo, assim, a criança passa a ter duas L1.

De acordo com Mascarello e Junges (2012), um falante bilíngue se caracteriza por possuir conhecimento em duas línguas, sendo possível ter um melhor desempenho em uma habilidade linguística (compreensão, fala, escrita e leitura) do que outra. Os autores ainda inserem o conceito de *bilíngue equilibrado* referente aos

falantes que possuem o mesmo nível de fluência nas duas línguas, sendo capazes de se expressar bem em qualquer uma delas. Ressaltam, ainda, a existência de uma língua dominante a depender do contexto, por exemplo, uma criança que usa somente o inglês na escola, mas em casa usa o grego numa conversa familiar, por ser uma língua com um caráter mais afetivo.

Para Wätzold (2023), o conceito de LM ainda apresenta inconstâncias, ela afirma que:

O conceito de “língua materna” (LM), diferentemente de “segunda língua” (L2) e “língua estrangeira” (LE), apesar de soar como o mais óbvio, é o que apresenta mais variações de sentido. Embora seja o de mais comum denominação, poucas definições para o termo são encontradas. A questão parece a priori simples, mas ultrapassa o plano meramente linguístico, para abranger adicionalmente aspectos de ordem histórica, social, política, educacional e psicológica (Altenhofen, 2002; Dabène, 1994 apud Wätzold, 2023, p. 30).

Segundo Dutra (2021), o status de uma língua para um indivíduo pode mudar a depender da migração, ou seja, a primeira língua/língua materna pode se tornar uma língua de herança caso esse indivíduo passe por uma mudança de território durante o processo de aquisição da linguagem e, em consequência, ao uso restrito desta língua em comunidades minoritárias. Portanto, nesse caso, uma outra língua pode se tornar a língua materna. Contudo, segundo Spinassé (2006), se a mudança ocorrer após o processo de aquisição, a nova língua será caracterizada como segunda língua e não como língua materna:

A aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna (Spinassé, 2006).

Entende-se como língua estrangeira a língua aprendida pelo indivíduo que não é falada no território onde o mesmo reside. Difere-se da língua de herança e da língua materna por ser uma língua aprendida em um contexto distinto de socialização linguística. Enquanto a língua de herança é passada através do ambiente familiar e carrega vínculos afetivos e identitários, a língua estrangeira é, geralmente, aprendida em um contexto mais formal de ensino, como a sala de aula, e não se apresenta como uma necessidade comunicativa cotidiana dentro da comunidade em que o falante está inserido.

(...) no processo de aprendizado de uma Língua Estrangeira não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. Ela não exige maior competência, nem melhor desempenho do sujeito, pois não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a sua integração. (Crane, 2011).

É importante salientar que, apesar de ser aprendida após a aquisição da Língua Materna ou L1, a língua estrangeira também se difere da segunda língua ou L2, pois esta é aprendida em decorrência de uma necessidade comunicativa do falante. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade (Spinassé, 2006). É o que ocorre em países onde a socialização acontece em mais de uma língua, como é o caso do Canadá que possui o inglês e o francês como línguas oficiais. Wätzold (2023) propõe que:

Se formos, portanto, diferenciar o conceito de LE do de L2, uma segunda língua seria uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização, como é o caso das línguas oficiais, mas não maternas, nos contextos de sociedades plurilíngues, como a língua do sistema escolar. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma L2 é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade. (Wätzold, 2023, p. 38).

Além dos conceitos já abordados, destaca-se também o de língua adicional ou LA o qual abrange todas as línguas que são adquiridas após a língua materna ou L1. Trata-se de um conceito mais inclusivo e amplo, o qual não faz distinções entre segunda, terceira ou quarta língua em processo de aprendizagem.

O conceito de língua adicional vem desempenhar essa nova função. Na medida em que se soma uma língua à que já se tem, a LA é expressão menos marcada ideologicamente, ela é “mais neutra e mais abrangente” [...] “as línguas adicionais não são inferiores, superiores, ou mesmo substitutivas da primeira língua”. (Brandão 2017). Também, de modo geral, não importa se é a segunda, a terceira ou a quarta língua. (Ramos, 2021, p. 18)

Ramos (2021) irá tratar do termo “língua adicional” como hiperônimo, tendo em vista todas as outras definições de língua já existentes (língua de herança, língua estrangeira, língua de acolhimento, segunda língua, etc.) como forma de desconstruir estereótipos associados à língua e à cultura daqueles que precisam ou querem integrar-se em um novo contexto sociocultural.

2.2 O português como Língua de Herança

O português como língua de herança (PLH) caracteriza-se por ser a língua que imigrantes de países de língua oficial portuguesa desejam preservar, mesmo vivendo em um país onde o português não é a língua dominante ou majoritária. Bastos e Melo-Pfeifer (2017) entendem a LH como a:

língua adquirida junto da família e da comunidade de origem deslocalizada, num ambiente linguístico maioritário (...). Neste sentido, o português língua de herança (PLH) é uma língua com um grau muito variável de “estranheza”, situando-se de forma muito variável e dinâmica no continuum “conhecido/desconhecido” (Dabène, 1994), dependendo das práticas de comunicação e de transmissão familiares. (Bastos; Melo-Pfeifer, 2017, p. 181).

A língua de herança contém um grau variável de estranheza justamente pelo contato restrito ao ambiente familiar, às vezes ocorrendo, também, eventos organizados pela comunidade de imigrantes, a depender das condições de articulação dessa comunidade. Sendo assim, a compreensão e as habilidades de fala e escrita da LH dependem do modo como ela é passada pelos familiares e pelas oportunidades de uso da língua promovidos pela própria comunidade a que essa LH se vincula.

O desenvolvimento linguístico do falante de herança, especialmente no início do processo de aquisição, depende exclusivamente da forma como o núcleo familiar escolhe promover o desenvolvimento dessa língua. Isto é, da política linguística familiar adotada, por exemplo, a decisão de priorizar o uso dessa língua dentro de casa. A importância da política linguística familiar se deve ao fato de que, fora do ambiente familiar, a criança está inserida em uma sociedade que faz uso de outra língua, a língua majoritária. Nesse sentido, a escolha e a distribuição das línguas em diferentes contextos sociais configuram práticas glotopolíticas, as quais permitem esclarecer as relações entre língua e poder em uma determinada sociedade, explicitando a razão de algumas línguas serem consideradas minoritárias e outras majoritárias. De acordo com Galli e Lagares (2024), a realização de políticas linguísticas se manifesta quando:

[...] os falantes manipulam os seus recursos linguísticos de acordo com o contexto, sobretudo em situações multilíngues, quando devem decidir qual língua vão utilizar em determinadas situações, ou de que maneira vão usá-las, numa dimensão micropolítica que está presente em todo intercâmbio comunicativo. Quando

uma família de língua em situação minoritária ou de imigração, por exemplo, adota práticas de linguagem específicas em relação ao uso do seu idioma com os/as filhos/as, no sentido da transmissão intergeracional ou da substituição, condicionada pelas circunstâncias sociais, ela está aplicando, de fato, uma política linguística (Galli e Lagares, 2024, p.3)

Segundo Mozzillo e Spinassé (2020) é fundamental que, durante o processo de aquisição de uma língua de herança ou uma língua considerada minoritária, os pais insistam em se comunicar com as crianças somente na língua que almejam manter, mesmo que elas respondam na língua dominante da sociedade onde vivem.

O PLH está presente em diferentes países onde a imigração de brasileiros é mais recorrente. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2023), através de um documento elaborado pelo Itamaraty chamado *Comunidades Brasileiras no Exterior*, no ano-base de 2023, as maiores concentrações de cidadãos brasileiros estão nos Estados Unidos, Portugal, Paraguai, Reino Unido e Japão. Aproximadamente 4,9 milhões de brasileiros residem no exterior.

Figura 1 - Comunidades Brasileiras no exterior - estimativas referentes a 2023

REGIÃO	NÚMERO DE BRASILEIROS	%
AMÉRICA DO NORTE	2.261.284	45,3%
EUROPA	1.677.241	33,6%
AMÉRICA DO SUL	663.926	13,3%
ÁSIA	227.257	4,5%
ORIENTE MÉDIO	63.685	1,3%
OCEANIA	56.692	1,1%
ÁFRICA	37.918	0,8%
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	8.948	0,2%
TOTAL	4.996.951	100%

Fonte: Brasil, Ministério das Relações Exteriores, 2024, p. 3

Segundo o MRE (2022) o conceito de língua de herança:

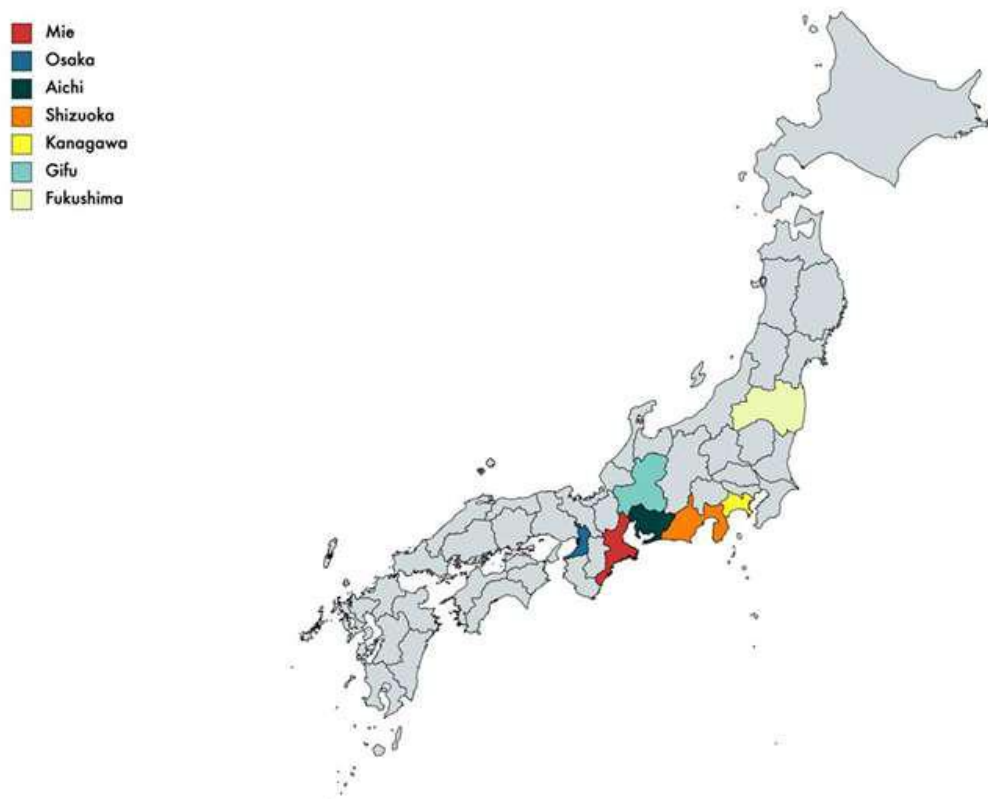
[...] é fruto da estreita relação entre língua, identidade e cultura, uma vez que a herança que está sendo passada de uma geração a outra não corresponde apenas a habilidades linguísticas, mas também à cultura, aos costumes do

país de origem do(s) pai(s) e aos valores familiares. Como uma língua minoritária, sua manutenção depende de esforços complexos sustentados pelo desejo familiar, pelo apoio da comunidade e instâncias governamentais e, sobretudo, pela profissionalização de educadores. (BRASIL, MRE, 2022).

Desse modo, pode-se compreender que o conceito de língua de herança está essencialmente relacionado a outros termos como costumes, cultura de uma sociedade e valores familiares. Ser falante de uma língua de herança implica não apenas conhecer uma outra língua, mas também se envolver com aspectos culturais e afetivos associados a essa mesma língua.

Como mencionado por Yonaha (2022), o PLH também está presente na sociedade japonesa devido ao fluxo migratório de brasileiros tendo o Japão como destino na década de 1990. O português já era reconhecido como uma LH, porém, o termo LH não foi propriamente utilizado nessa época. A autora ainda ressalta que existem várias iniciativas nas quais professores voluntários ensinam o PLH em diferentes províncias do país, como mostra a imagem abaixo:

Figura 2 - Localização das iniciativas de PLH no Japão por província



Fonte: Yonaha (2022)

Embora o reconhecimento dos esforços empreendidos por esse projeto seja de incontestável importância, é preciso apontar as dificuldades financeiras para sua manutenção (Yonaha, 2022, p. 15). Portanto, apesar dos esforços para dar continuidade aos projetos voltados à língua de herança, muitos obstáculos são encontrados pelo caminho. De acordo com dados coletados pela autora, muitos aprendizes e voluntários do PLH encontram dificuldades por falta de engajamento familiar, pela desvalorização dos professores de LH, pela escolarização de crianças e jovens exclusivamente em japonês, por falta de investimento e apoio de órgãos públicos e privados, entre outras razões que fazem com que seja desafiador o ensino da língua de herança nesse território.

Para reafirmar essa falta de incentivo governamental, destaca-se também a situação atual do PLH na Itália. De acordo com Souza (2018), encontravam-se em funcionamento apenas 13 projetos, espalhados por 8 regiões, liderados por mães brasileiras que eram responsáveis por todo o planejamento e a realização das atividades. Nesse mesmo contexto, Benedini (2015) coloca em evidência duas problemáticas que contribuem para a falta de socialização do PLH. A primeira delas refere-se à falta de iniciativa dos próprios pais presentes na região de Cremona, na Itália. E o segundo fator que contribui para essa falta de socialização refere-se:

às políticas linguísticas na Itália que não reconhecem o valor das línguas de herança nem no contexto escolar nem tampouco realizam iniciativas socioculturais efetivas a favor da promoção e/ou da socialização de qualquer LH, inclusive o PLH. (Benedini, 2015, p.138).

Além desses países, o português está presente também em Berlim, na Alemanha. Jochmann (2019) apresenta a Associação Bilingua e.V, fundada em 2004, e que tem como objetivo incentivar o intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha:

[...] a associação visa oferecer às famílias plurinacionais, falantes do português, a chance de vivenciar a língua portuguesa e a cultura brasileira nas atividades da associação. A proposta da Bilingua é também auxiliar os pais de crianças plurilíngues a manterem a língua portuguesa na educação dos filhos, através de cursos para crianças, jovens e adultos, além de workshops sobre educação bilíngue, encontros, comemorações, festas típicas e outras atividades culturais. (Jochmann, 2019, p. 124)

A Associação Bilingua e.V oferece diversos cursos para diferentes faixas etárias. Embora existam desafios para a oferta de cursos em diversos países, a associação parece apresentar grande diversidade em suas atividades.

Devido à falta de incentivo de muitos países em relação ao PLH, pode-se enfatizar a importância do próprio ambiente familiar nesse longo processo de aquisição e manutenção do português como língua de herança. Na próxima seção, será ressaltado como a família e a literatura contribuem para a difusão e manutenção de uma língua de herança.

2.3 O papel da família e da literatura na preservação de uma língua de herança

A família tem um papel fundamental na construção do ambiente linguístico necessário para o desenvolvimento e a manutenção da LH (Ferreira, 2019, p.49). Dessa forma, o ambiente familiar constitui-se como o principal espaço responsável pela manutenção de uma língua de herança. A família, a fim de manter viva a conexão de seus filhos com a língua de herança, recorre a atividades nas quais prevalece a interação linguística nessa língua:

O desenvolvimento mais abrangente das habilidades linguísticas do FLH pode, no entanto, ser cultivado se houver um esforço consciente e constante por parte da família para oferecer exposição ao uso da língua em diferentes contextos (Boruchowski, 2015).

Fishman (2001. apud. Jochmann, 2019, p.120) define o Falante de Herança como aquele indivíduo que é exposto e que tem alguma relação pessoal com a língua. Valdés (2001. apud Jochmann, 2019, p.120) enfatiza que o que caracteriza um indivíduo ser um falante de herança não é a sua proficiência, mas toda a sua relação pessoal e sua história com a língua. Ou seja, um falante de herança é aquele que possui qualquer convivência/conexão com a língua, seja ele fluente ou não. A autora ainda ressaltava que é muito comum que a L1 seja a LH de uma criança que ainda não possui socialização fora do ambiente familiar, pois a casa e a família se tornam as primeiras referências de um indivíduo em desenvolvimento, por isso, o contato com a LH será maior. Com o passar dos anos e com o crescimento dessa criança, é natural que ela tenha mais contato com a língua majoritária ou dominante do país no qual a família vive.

Boruchowski (2016) recomenda uma lista de atividades ativas e passivas para o desenvolvimento da língua de herança:

1) Formas de interação ativa:

- a) conversar com alguém (ouvir e responder);
- b) ler ou ouvir e ter que recontar; ler ou ouvir e ter que discutir;
- c) cantar músicas;
- d) falar com a família distante: narrar e descrever as ações diárias e acontecimentos;
- e) brincar com alguém;
- f) jogos que requeiram construção de palavras ou histórias; etc.

2) Formas de interação passiva:

- a) ouvir músicas ou histórias;
 - b) assistir à televisão, DVDs, etc.
- (Boruchowski, 2016, p. 18)

Segundo a autora, é importante manter essas interações diariamente para um melhor desempenho da criança ou do adolescente. Ela também enfatiza a importância de colocá-los numa posição ativa no momento da comunicação, assim, serão capazes de se desenvolverem ainda mais. Além disso, é essencial estar atento para alguns fatores relacionados à manutenção da língua. Boruchowski (2016) argumenta o seguinte:

Para a manutenção de uma língua é preciso atentar para alguns fatores: primeiro, à quantidade de exposição às línguas que queremos transmitir e manter; segundo, à necessidade do uso delas; terceiro, à natureza dos recursos que utilizamos para essa transmissão e manutenção; quarto, a como a família age em relação à língua de herança; e, quinto, ao valor que dada língua de herança tem na comunidade em que se vive. (Grosjean, 2010. apud. Boruchowski, 2016, p. 17).

Segundo Ferreira (2019) com o passar dos anos, por viverem em uma sociedade onde outra língua, a dominante, é a mais falada, é natural que a língua de herança tenha menos espaço no ambiente familiar e que os falantes de herança se sintam inseguros por possuir um vocabulário limitado àquele ambiente. Ainda que tenha oportunidade de se expressar em contextos diferentes, o falante de LH pode se sentir inseguro por não possuir as habilidades linguísticas necessárias ou por perceber seu vocabulário como insuficiente (Smith-Christmas, 2016 apud. Ferreira, 2019, p. 49).

Para que isso seja menos recorrente, a autora defende a leitura de histórias na língua de herança (LH) como forma de manter ativo o uso da língua.

É conhecido o papel da literatura no desenvolvimento sociolinguístico da criança. No caso do português como língua de herança, os benefícios podem ser ainda mais relevantes, porque através da leitura são desenvolvidas tanto habilidades linguísticas quanto a formação étnico-cultural e identitária da criança. (Ferreira, 2021)

Cóta (2025) afirma que:

A Literatura Infantil contribui para que a criança desenvolva o senso crítico, ético e cultural, além de proporcionar maior autonomia e capacidade de tomar decisões. Trabalhar histórias infantis na sala de aula amplia a imaginação, o respeito, os princípios, a fala e a escrita do aluno, transformando assim sua vida e colaborando para o pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. (Cóta, 2025, p.3-4)

Considerando essas afirmações, pode-se dizer que a literatura infantil contribui muito positivamente para o desenvolvimento cognitivo de uma criança, com ela, é possível desenvolver o senso crítico e também explorar a criatividade. Ao articular a língua de herança com a literatura infantil, a criança será capaz de aumentar seu repertório linguístico, reconhecer as estruturas frasais e outros elementos linguísticos com os quais talvez ela não tenha tido contato até então. Ou seja:

[...] a literatura contribui no desenvolvimento de “habilidades lúdicas e linguísticas na infância” ajudando no letramento e na escrita: através da literatura, a criança pode especialmente aprender e criar palavras, expandir o vocabulário, descobrir sons inesperados, e expressões novas da língua na qual essa literatura é escrita. Pode também aprender a distinguir os variados gêneros de textos literários, autores e estilos, bem como lhe pode servir para reconhecer formas de expressão artísticas, a despertar o gosto pela arte, pelo estético. (Lico e Santos, 2016. apud Ferreira, 2019, p. 50)

Portanto, o apoio familiar aliado à literatura desempenha papel fundamental no desenvolvimento da competência linguística de crianças e adolescentes como falantes de herança.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho, emprega-se uma abordagem qualitativa, que se caracteriza pela busca e compreensão de fenômenos. Nessa perspectiva, o pesquisador procura descrever e interpretar os aspectos envolvidos no objeto de estudo. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se baseia em dados estatísticos, a pesquisa qualitativa se desenvolve com base em informações descritivas que possibilitam a compreensão do fenômeno investigado. A abordagem qualitativa não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (Godoy, 1995).

Segundo Godoy (1995), existem três caminhos para a construção de uma pesquisa de natureza qualitativa, são eles: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Para a autora, a pesquisa documental:

[...] representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial. (Godoy, 1995, p. 21)

A pesquisa documental se baseia em fontes escritas de dados que vão ajudar no levantamento de fontes de evidências para responder os objetivos de pesquisa (Farias Filho e Arruda Filho, 2013).

Neste trabalho, adota-se a pesquisa documental como método, articulada a uma abordagem qualitativa-interpretativista, uma vez que o objetivo é analisar a contribuição de obras literárias para o desenvolvimento linguístico de falantes de PLH. Para isso, selecionam-se três obras clássicas da literatura infantil brasileira: *O Menino Maluquinho* (Pinto, 1980), *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 1979) e *Marcelo, Marmelo, Martelo* (Rocha, 1976). Conforme observa Paiva (2024), é possível fazer uso de obras literárias como documento de pesquisa, ainda que não constituam descrições diretas da realidade, mas sim representações ficcionais.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo, proponho-me a responder à pergunta norteadora deste estudo: como a leitura de clássicos da literatura infantil brasileira pode favorecer a manutenção da língua portuguesa em famílias brasileiras ou interculturais residentes no exterior? Ao longo da discussão, identificam-se elementos linguísticos e narrativos e investiga-se de que forma o conteúdo temático e cultural presentes nas obras selecionadas colaboram para o fortalecimento da identidade cultural brasileira.

O capítulo está dividido em três partes: a primeira contendo a análise do livro *O Menino Maluquinho* (Pinto, 1980); a segunda referente à análise do livro *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 1979) e a terceira com relação a análise do livro *Marcelo, Marmelo, Martelo* (Rocha, 1976).

4.1 Análise do livro *O Menino Maluquinho*

A obra literária *O Menino Maluquinho* foi lançada pela editora Melhoramentos em 1980 e escrita por Ziraldo Alves Pinto. Essa obra, do gênero infanto-juvenil, trata das aventuras de um menino que era muito esperto e brincalhão na mesma proporção. A narrativa se constrói através de situações referentes ao cotidiano, incluindo o ambiente familiar, relações de amizade, brincadeiras, vida escolar, amor, solidão, separação e saudade. A estrutura do livro é predominantemente em prosa e contém alguns trechos incluindo pequenos diálogos feitos pelos personagens e outros em forma de poesia.

O livro se inicia com uma frase clássica de histórias infantis “Era uma vez um menino maluquinho”. O início da narrativa é marcado por características referentes à personalidade desse menino, ele era “maluquinho”, “tinha o olho maior que a barriga”, “tinha fogo no rabo”, “tinha vento nos pés”, “tinha pernas enormes que davam para abraçar o mundo”, “e macaquinhos no sótão”. Era um menino impossível e muito sabido, porém a única coisa que não sabia era como ficar quieto, era rápido para se safar de suas bagunças. Era um menino muito querido por todos de sua turma, ele era o “menorzinho, espertinho, bonitinho, alegrinho e o mais maluquinho”. Na escola, era um aluno que permitia que sua criatividade estivesse em todos os cantinhos do seu caderno, desenhava figuras e escrevia recadinhos. Em casa, era amado e bem cuidado por todos.

O personagem principal dessa narrativa era considerado um “menino maluquinho”, embora suas ações revelassem apenas características típicas de uma criança feliz, alegre e espontânea. O personagem era muito sagaz e conseguia fazer muitas coisas, mas a única coisa que não era possível fazer era segurar o tempo. No final da narrativa, o “menino maluquinho” cresceu e se tornou uma pessoa admirável, graças à sua infância vivida com muita leveza, criatividade e brincadeiras de criança.

As expressões idiomáticas constituem um recurso linguístico que emprega as palavras no sentido figurado e não literal, elas são utilizadas como recurso para enriquecer a linguagem da obra e brincar com o imaginário dos leitores mirins. Ao longo de toda a narrativa, o autor emprega o uso de imagens acompanhadas do texto, como forma de trazer dinamismo e vivacidade para a obra. Conforme apresentado a seguir:

Figura 3 - *O Menino Maluquinho*, página 8

Ele tinha o olho maior do que a barriga

Fonte: *O Menino Maluquinho*, Pinto (1980)

Entre as expressões idiomáticas presentes na obra, a primeira que se destaca é “Ele tinha o olho maior que a barriga”, dizer isso indica que alguém se alimenta exageradamente e mais do que pode suportar, ou seja, uma pessoa gulosa e que deseja comer mais do que seu corpo necessita. Pinto (1980) fez o uso de uma ilustração com um olho gigante para demonstrar o significado real da expressão e criar um caráter lúdico e cômico para a obra.

A próxima expressão idiomática evidente na obra é “tinha fogo no rabo” que, nesse contexto, irá indicar pessoas com um comportamento agitado, inquieto e impaciente a todo momento e incapaz de permanecer parado. Além disso, também se encontra presente a expressão “tinha vento nos pés” que caracteriza o personagem principal como alguém veloz e que chegava em todos os cantos rapidamente, e as expressões “tinha umas pernas enormes que davam para abraçar o mundo” refere-se a sua inquietude e capacidade de estar em muitos lugares e fazer muitas coisas ao mesmo tempo, “e macaquinhos no sótão” se referindo aos pensamentos desordenados sobre suas peripécias.

Além das expressões idiomáticas presentes, o autor recorre a recursos poéticos como repetições vocálica e consonantal (assonância e aliteração) a fim de retratar, com leveza, a infância do menino maluquinho:

Na turma em que
 ele andava
 ele era
o menorzinho
o mais espertinho
o mais bonitinho
o mais alegrinho
o mais
maluquinho.
 (Pinto, 1980)

No que se refere à dimensão cultural, a obra contém elementos característicos da cultura brasileira, como a presença de personagens de lendas folclóricas, o pássaro uirapuru e o saci:

Figura 4 - O Menino Maluquinho, página 18



Pra uns, era um uirapuru

Fonte: Pinto (1980)

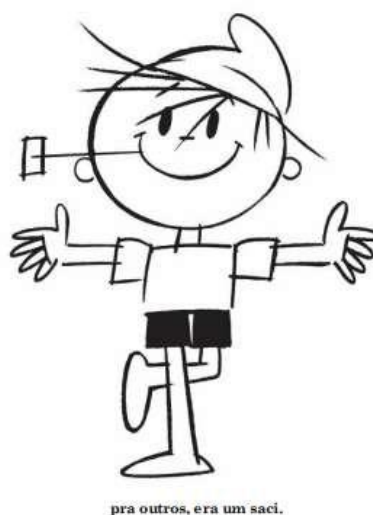
A lenda do uirapuru conta a história de um jovem indígena que se apaixonou por uma jovem que era esposa do cacique. Sabendo que esse amor era um amor impossível, ele pediu ajuda ao deus Tupã pedindo que o transformasse em um pássaro e ele assim fez. Dali em diante, ele passou a cantar para a sua amada como um pássaro. Diz a lenda que uirapuru é um pássaro mágico e que traz sorte. (Resende, 2024)

Ao analisar a metáfora “para uns, era um uirapuru”, percebe-se que o menino maluquinho é comparado com o pássaro para transmitir a ideia de que ele é um

menino admirável e encantador, assim como o pássaro uirapuru, conhecido pela beleza do seu canto e por sua raridade.

O autor também recorre à figura de linguagem metáfora ao comparar o menino maluquinho a um personagem do folclore brasileiro, o Saci-pererê. Essa lenda narra a história de um jovem, conhecido por suas travessuras e brincadeiras com as pessoas, além de ser caracterizado por ter apenas uma perna. Por conta de sua inquietação e semelhança comportamental com o Saci, o autor utiliza a metáfora como uma forma de destacar e comparar essas características do personagem.

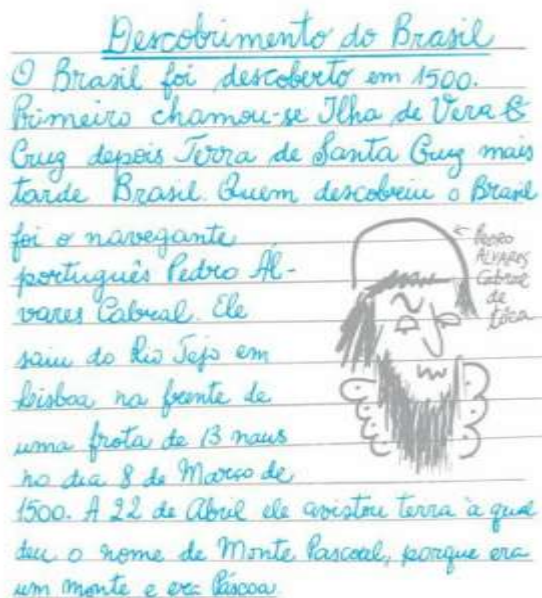
Figura 5 - O Menino Maluquinho, página 19



Fonte: Pinto (1980)

Além da presença das lendas folclóricas, outra temática presente na obra é a história e a geografia física do Brasil. Por meio de ilustrações produzidas pelo próprio autor, o leitor será capaz de aprender um pouco mais sobre aspectos históricos (Pinto, 1980, p. 25) e geográficos do país (Pinto, 1980, p. 27), ampliando o seu repertório cultural. Veja abaixo:

Figura 6 - O Menino Maluquinho, página 25



Fonte: Pinto (1980)

Pode-se afirmar que essa obra apresenta um grande potencial para favorecer a manutenção do português como língua de herança. Do ponto de vista linguístico, apresenta uma rica variedade de expressões idiomáticas e figuras de linguagem, além de conter um vocabulário acessível e estrutura sintática simples e adequada ao público infantil. Soma-se isso a presença de elementos culturais que vão potencializar a construção de vínculos identitários e afetivos com a língua portuguesa.

4.2 Análise do livro *Chapeuzinho Amarelo*

A obra *Chapeuzinho Amarelo* foi escrita por Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque. Lançada em 1970 e relançada em 1979, através da Editora José Olympio, com as ilustrações feitas por Ziraldo e estruturada em forma de poesia. Essa obra foi baseada na história da *Chapeuzinho Vermelho*, escrita originalmente por Charles Perrault (1697), que continha uma versão mais crua e violenta. Anos depois, a história foi editada e relançada pelos Irmãos Grimm, no século XIX. A narrativa original tem por finalidade alertar os leitores sobre os perigos existentes no mundo. A releitura feita por Buarque, por outro lado, apresenta uma moral distinta, com um caráter mais encorajador, centrada na superação dos próprios medos. Entretanto, não é objetivo deste trabalho aprofundar-se nas diferentes versões

da narrativa ou em suas transformações históricas, uma vez que o foco da análise recai sobre os aspectos linguísticos e culturais da obra em questão.

O livro narra a história de uma menina que tinha medo de absolutamente tudo. Incapaz de se divertir, sair de casa ou envolver-se em qualquer situação que julgasse ameaçadora, ou seja, todas. Chapeuzinho Amarelo encontrava-se paralisada por seus próprios receios, deixando de viver plenamente a sua infância.

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.
(BUARQUE, 1979).

Entre todos os seus temores, o maior deles era a figura do Lobo que nunca era visto. Mesmo assim, ela morria de medo de encontrá-lo porque ele era capaz não só de se alimentar de humanos mas também de objetos. Certo dia, o que ela mais temia aconteceu: ela acabou se deparando com ele e foi gradualmente perdendo “o medo do medo do medo”, até chegar num estado em que o medo era inexistente. No final da narrativa, Chapeuzinho não tinha mais medo do lobo e aos poucos se liberta dos demais medos e torna-se uma criança feliz e sem medos que a impedissem de viver uma infância plena.

Do ponto de vista linguístico, a narrativa se inicia com a presença de uma expressão idiomática amplamente usada. Utiliza-se “amarelada de medo” para definir alguém que está com muito medo e apavorada/o por alguma coisa, ou seja, alguém que está com tanto medo que se sente paralisada, exatamente como se sentia a Chapeuzinho Amarelo. Assim como em *O Menino Maluquinho*, o autor recorre a recursos de poeticidade para tornar a narrativa mais interessante, fluida e lúdica para o público infantil, como por exemplo a repetição de alguns sons vocálicos e consonantais em alguns versos da obra, criando-se musicalidade e ritmicidade, característica muito comum em livros infantis:

Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu
de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo da chuva
nem foge de carrapato.
Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepa em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.
(Buarque, 1979)

Outro aspecto relevante é o uso da linguagem simples, clara e adequada para leitores em processo de alfabetização ou manutenção da língua. O vocabulário empregado é composto por palavras do cotidiano e estruturas frasais mais acessíveis e curtas, o que facilita a compreensão durante a leitura.

Em relação aos aspectos da cultura brasileira, a obra retrata Chapeuzinho Amarelo brincando de amarelinha como forma de superação dos seus medos que antes a paralisavam. A amarelinha é uma brincadeira muito comum na cultura brasileira, a escolha do autor reforça a dimensão cultural da narrativa, trazendo-a como elemento cultural da infância brasileira.

Portanto, pode-se afirmar que essa segunda obra analisada não auxilia somente no desenvolvimento linguístico em relação à língua portuguesa como língua de herança através de estruturas linguísticas simplificadas, mas também à valorização de aspectos culturais brasileiros, evidenciados através da brincadeira de criança.

4.3 Análise do livro *Marcelo, marmelo, martelo*

A obra literária *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias* é a mais famosa escrita por Ruth Rocha, lançada no ano de 1976 através da Editora Salamandra. Trata-se de um livro infantil dividido em três partes: a primeira parte narra a história de Marcelo, a segunda parte conta a história de Teresinha e Gabriela e a terceira parte refere-se ao personagem chamado Carlos Alberto. Contudo, o foco principal desse item será voltado para a primeira história. O livro apresenta uma estrutura em prosa, com forte presença de diálogos entre os personagens de cada história.

Na primeira parte do livro, apresenta-se a história de Marcelo, um menino extremamente curioso em relação a assuntos relacionados à vida. Certo dia, ele passa a questionar a origem dos nomes dos objetos ao seu redor: deseja saber o porquê de seu nome ser Marcelo e não marmelo ou martelo, o porquê das coisas terem o nome que têm. Por exemplo, a razão pela qual se chama *colher* e não *mexedor*, ou por que *bolo* é associado às coisas redondas se a mãe dele faz apenas bolos quadrados. Para o menino, os nomes dos objetos não tinham relação alguma com suas características ou funções. A partir desses questionamentos, Marcelo começa a criar o seu próprio vocabulário, isto é, o seu próprio léxico, atribuindo nomes às coisas de acordo com sua utilidade e origem.

Na linguística, essa inquietação dialoga diretamente com o princípio fundamentado por Ferdinand Saussure (1857-1913) chamado *arbitrariedade do signo linguístico*. Segundo esse princípio, a relação entre o objeto de mundo e o nome que lhe é atribuído é arbitrária, ou seja, não existe nenhuma motivação lógica ou natural que vincule o significante ao seu significado. Por isso, ao perceber que o nome das coisas não correspondiam, para ele, às suas funções, ele cria o seu próprio léxico com base na sua criatividade e lógica infantil.

A obra conta com pequenos diálogos entre Marcelo e seus pais, construídos através de uma linguagem simples e adequada para o público infantil. Assim como a primeira obra aqui citada, o livro contém figuras de linguagem e diversos neologismos criados pelo personagem. Como por exemplo: sentador (cadeira); cabeceiro (travesseiro); mexedor (colherinha); suco de vaca (leite); bom solário (bom dia); bom lunário (boa noite); puxadeiro (referente ao animal que puxa uma carroça); carregadeira (carroça); possuidor (homem que controla o animal que puxa a carroça); moradeira (casinha do cachorro; lugar onde se mora); entradeira (entrada); latildo (cachorro; porque o cachorro late); cobridor (cobertor; algo que cobre); embrasou (pegou fogo); branqueira danada (fumaça).

A criatividade lexical e o poder de invenção de novas palavras manifestam-se nessa história por meio de neologismos, recurso característico na fala de crianças nos primeiros anos de vida, que contribuem para a compreensão das relações entre significante e significado. Em consequência disso, a obra constitui um exemplo significativo para explorar a criatividade linguística e estimular a imaginação do falante de herança, ao evidenciar como a linguagem pode ser lúdica e flexível. Ao final da história, apesar dos pais de Marcelo não dominarem esse novo vocabulário criado por

ele, o objetivo principal da comunicação foi alcançado: ser compreendido. Isso reforça a ideia de que a língua é um recurso de interação flexível capaz de se adaptar às necessidades dos falantes. O título da obra também explora a flexibilidade da língua, quando o próprio personagem se questiona o porquê de seu nome não ser *marmelo* ou *martelo*, realizando apenas a troca de fonemas que resulta na semelhança sonora entre esses vocábulos.

Além da história do Marcelo, a obra contém duas histórias infantis que vão se destacar por conter vocabulário adequado e simples, assim como as outras narrativas consideradas nesta monografia, e por conter elementos culturais importantes para o reconhecimento da identidade brasileira, por exemplo as brincadeiras de criança mencionadas nas narrativas: o futebol, jogo de bola de gude, a amarelinha, andar de bicicleta, etc.

A obra literária aqui apresentada possui também um caráter pedagógico ao estimular no falante de herança o reconhecimento da flexibilização da língua através de diferentes formas de dizer uma mesma coisa, revelando assim a riqueza da língua portuguesa.

Através da criatividade em criar novos vocábulos, revela-se a importância da linguagem na construção da identidade infantil, uma vez que, durante a criação de palavras, o personagem expressa o seu modo de perceber o mundo. A articulação desses elementos linguísticos e culturais manifestam-se como recursos valiosos para o reconhecimento e a manutenção do português como língua de herança, uma vez que, em contato com a obra, o leitor será capaz de reconhecer e aprender outros vocábulos que talvez não estejam presentes no seu ambiente familiar. Assim, através dos livros infantis, ampliará o seu repertório linguístico.

A partir da análise dos dados extraídos das obras selecionadas, observa-se que todas elas privilegiam uma linguagem acessível ao público infantil, caracterizada pelo uso de sentenças adequadas e pouco complexas, além de repetições e jogos de palavras. Essa constatação dialoga diretamente com o argumento de Ferreira (2021) e com as propostas de atividades ativas apresentadas por Boruchowski (2016), ao destacar a importância da leitura como estratégia linguística para favorecer a compreensão, desenvolvimento e manutenção linguística do leitor. Entretanto, nota-se que a última narrativa analisada, em comparação às demais, apresenta uma estrutura predominantemente dialogada, característica que contribui de forma significativa para o desenvolvimento linguístico, enquanto a primeira e segunda obra

apresentam ocorrências pontuais de discurso dialogado. Contudo, todas as obras aqui mencionadas favorecem aspectos relacionados à identidade cultural que, segundo Benedini (2015), constitui um fator importante para a preservação e reconhecimento da cultura de ascendência.

Considerando o que foi apresentado, observa-se que as obras literárias infantis podem funcionar como um recurso relevante para a manutenção de uma língua de herança, no caso desta pesquisa, o português. No entanto, à luz das atividades ativas propostas por Boruchowski (2016) e dos argumentos de Galli e Lagares (2024) acerca da política linguística familiar, é importante salientar que o desenvolvimento do falante de herança não pode ser assegurado apenas por meio de uma atividade realizada de forma isolada, mas depende de um conjunto de atividades linguísticas contínuas, cotidianas e articuladas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar de que maneira a leitura de clássicos da literatura infantil brasileira pode contribuir para a manutenção da língua portuguesa em contexto de famílias brasileiras ou famílias interculturais residentes no exterior. Nesse sentido, para a análise, foi adotada uma abordagem qualitativa-interpretativa, tendo como base três obras da literatura infantil, com o intuito de analisar o potencial linguístico e cultural de cada uma delas e sua contribuição como recurso para a manutenção da língua de herança.

Em linhas gerais, a análise realizada revela que obras da literatura infantil brasileira configuram-se como um recurso relevante para a manutenção da língua portuguesa. As obras analisadas apresentaram-se como relevantes para a manutenção da língua de herança, pois são compostas por um vocabulário que, apesar de simples e acessível, é importante para o desenvolvimento linguístico do falante de herança. Além disso, as obras apresentam recursos linguísticos que são capazes de enriquecer o vocabulário e estimular a imaginação do leitor, como figuras de linguagem, expressões idiomáticas e neologismos, ampliando o repertório linguístico do falante.

Além desses recursos linguísticos presentes, as narrativas apresentam elementos que remetem à cultura brasileira, por exemplo, brincadeiras tradicionais, relações de amizade, vida escolar, valores culturais, situações cotidianas e elementos

característicos da história do Brasil. Esses componentes culturais favorecem a construção da identidade cultural brasileira, aspecto essencial no contexto do português como língua de herança.

Entretanto, de acordo com os dados analisados, a leitura deve fazer parte de um conjunto de atividades ativas, ela, de forma isolada, não é capaz de assegurar o desenvolvimento linguístico pleno do falante de herança. Por isso, destaca-se a importância de políticas linguísticas no ambiente familiar como forma de incentivo àqueles que desejam manter uma língua de herança.

Por fim, espera-se que a partir dos resultados obtidos e das reflexões aqui expostas seja possível contribuir para trabalhos futuros voltados para a manutenção do português como língua de herança, além de auxiliar nas práticas linguísticas familiares voltadas para a valorização e preservação da língua de herança.

REFERÊNCIAS

BENEDINI, Daniela Ressureição Mascarenhas. **O Português como Língua de Herança na Itália: Línguas e identidades em diálogo**. 2015. 175 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Comunidades Brasileiras no Exterior: ano-base 2023**. Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos, Brasília, 2024. Disponível em:< <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidades-brasileiras-no-externo-estatisticas-2023>>.

Acesso em: 15 dez. 2025.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e combate à fome. **Manual do Pesquisador: Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e combate à fome, 2023. Disponível em:< <https://www.gov.br/mds/pt-br/orgaos/SAGICAD/estudos-e-pesquisas/manuais>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CÓTA, Nilton César. **A Literatura na Educação Infantil e sua importância na educação de leitores**. Revista Tópicos v. 3, n. 23, 2025. ISSN: 2965-6672. Disponível em:< <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-literatura-na-educacao-infantil-e-sua-importancia-na-formacao-de-leitores>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CRANE, Cybelle Croce Rocha. **Língua Materna, Língua Estrangeira, Segunda Língua**. Revista Paidéi@, Unimes Virtual, v.2, n.4, jul. 2011. Disponível em:< <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em 15 dez. 2025.

CUMMINS, Jim. **Heritage Language Education: a literature review**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1983.

DUTRA, Maíra Candian de Paula. **Português como Língua de Herança: famílias na diáspora brasileira e sua relação com a Língua Portuguesa**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

FERREIRA, Daniele Azevedo da C. **Aquisição do vocabulário e manutenção do português língua de herança por meio da leitura**. 2019. 113 f. Dissertação (Mestrado em Português Língua não Materna), Universidade Aberta. 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, jun. 1995.

JOCHMANN, Layla. **O Português Brasileiro como Língua de Herança em Berlim**. In: SAVEDRA, Mônica; PEREIRA, Telma Cristina; GAIO, Mario Luis. **Repertórios Plurilíngues em Situação de Contato**. Rio de Janeiro: LCV, 2019, p. 119-128.

LAGARES, Xoán Carlos; GALLI, Joice Armani. **Perspectiva glotopolítica e alfabetização linguística: um diálogo convergente para pesquisas em política linguística**. The Specialist, v. 4, pág. 11–37, 2024. DOI: 10.23925/2318-7115.2024v45i4e65129. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/65129>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LICO, Ana Lucia; BORUCHOWSKI, Ivian. **Como manter e desenvolver o Português como Língua de Herança: sugestões para quem mora fora do Brasil**. Miami: Must University. 2016.

MASCARELLO, Lidiomar José; JUNGES, Mágat Nágelo. **"Teacher, how to do the 'pernas' in English?" Um estudo com crianças bilíngues da 1ª série do Ensino Fundamental.** Revista Uniara, Santa Catarina, v. 15, n. 1, p. 35-53, jun. 2012.

PFEIFER, Sílvia Melo. **Português como língua de herança: que português? Que língua? Que herança?** Revista Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 1161-1179, jun. 2018.

PINTO, Ziraldo. **O Menino Maluquinho.** São Paulo: Melhoramentos, 2014.

RAMOS, Ana Adelina Lôpo. **Língua adicional: um conceito "guarda-chuva".** Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v.13, p. 233-267, 2021.

RESENDE, Lúcia. **A lenda do Uirapuru: o pássaro da sorte.** Xapuri.info, 2025. Disponível em:<<https://xapuri.info/a-lenda-do-uirapuru-o-passaro-da-sorte/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias.** 27 ed. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial, 1976.

SOUZA, Ana Luiza Oliveira de. **Aquisição do português brasileiro como língua de herança em contato com o italiano: considerações acerca das interferências linguísticas.** Revista Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1294-1329, jun. 2018.

SOUZA, Andréa Santana Silva e.; FERREIRA, Daniele Azevedo da C. **"Não quero perder meu Português": Uma conversa sobre a experiência do Português como língua de herança.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.11, p. 108220-108229, nov. 2021.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** Revista Contingentia, v. 1, p. 01-10, novembro 2006. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3837>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

WÄTZOLD, Juliane Costa. **A Língua de Herança em contexto não-formal de aprendizagem: o caso da transmissão intergeracional do Português.** Tübingen: Narr Francke Verlag, 2023.

YONAHA, T. Q. **O reconhecimento do Português Língua de Herança no Japão como um direito humano linguístico.** Revista Horizontes de Linguística Aplicada, ano 21, n. 2, DT3, 2022.